

## MONTAIGNE, O CASTELO DE SI MESMO E A ÉTICA

Deniz Alcione Nicolay<sup>1</sup>

### RESUMO:

Este artigo trata de um homem que é um livro e de um livro que é um homem. Trata-se de Montaigne. Na sua companhia, sinalizam-se conceitos fundamentais para compreender a noção de ética, de homem e de mundo. Para isso, detêm-se nos *Essais*, mas sem perder-se nos labirintos de tal obra. Uma obra que é muitas obras, de acordo com a forma de estilo, composição e argumentação. Sua importância é inegável na arte, na filosofia e na literatura. Dela, parte a instauração do espaço privado do 'Eu' e, assim, outra modalidade de sujeito começa a emergir. Mas como pensar a ética em Montaigne? O risco de uma resposta é o risco da precipitação. Porém, nesse pensador tudo se reelabora constantemente e tudo é matéria, exercício de pensamento. Algo é certo: impossível pensá-lo longe do castelo de si mesmo, do corpo que é a obra.

**Palavras-chave:** Si mesmo. Corpo. Ética

### ABSTRACT:

This article to treat of man that is book and of the book that is a man. It treats of the Montaigne. In this his company, they to signal basics concepts for to understand the notion of the ethical, of the man and of the world. For that, yours to detain us *Essays*, but it to lose us labyrinth of such work. A work that is many works, of the agreement with the form of style, composition and line of argument. Her importance is undeniable of in art, in philosophy and in literature. She's to break the setting-up of the private space of "self" and, like this, another of subject to begin the emerge. But as to think is the ethical in Montaigne? The risk of an answer is the risk of the haste. However, in that philosopher all to restore it constant and all is matter, exercise of thought. Somewhat is sure: impossible to think is far of the castle of self, of the corps that is the work.

**Keywords:** Self. Corp. Ethical.

### Nos caminhos do Castelo...

Montaigne. Simplesmente Montaigne. Nada se lhe aproxima em força e energia de pensamento (e de estilo) capaz de abalar as estruturas do castelo da família Eyquem, nos arredores de Bordeaux, na França do séc. XVI. O fato de não seguir nenhuma tradição familiar, não tomar partido de nenhuma querela religiosa e de não defender, de maneira

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação pelo PPGEDU/UFRGS. Doutorando em Educação pelo mesmo programa. Pesquisador da linha de pesquisa "Filosofia da diferença e educação". Membro do DIF:artistagens, fabulações, variações. Professor assistente na área de Fundamentos da Educação da Universidade Federal da Fronteira Sul (campus Cerro Largo RS).

expressiva, nenhum movimento filosófico de seu tempo, lhe coloca a égide de “contemporâneo” (Burke, 2006, p.09). Pois sua obra, os *Essais*, além de inaugurar um novo estilo em literatura e filosofia, não se esgota puramente pela simples análise do discurso ou de suas idéias que, por vezes, parecem e não parecem, são e não são. Ora, os enigmas de sua obra são também os enigmas de seu entendimento e, por isso, reescreve-os várias vezes na intenção de chegar numa versão definitiva. Porém, esse exercício é sempre infinito como o próprio ato de pensar. Mas, na vida, existe algo em definitivo: a morte. Talvez uma das grandes amantes e inspiradoras de Montaigne. É sobre o espaço vazio de seu eu-morto que o autor escreve a obra e, assim, retira-se do populacho mediano para exercitar a complexa arte de mapear o labirinto de si mesmo.

Nesse sentido, uma torre se erige na vida do ilustre personagem: a torre do castelo de Périgord e nela passará boa parte do seu tempo na companhia de seus livros. Deve-se analisar profundamente esse ‘retirar-se’ de Montaigne, pois quando um cavalheiro recolhe suas armas da vida pública e passa a combater no terreno da escritura, ele não quer mais ser lembrado como um rele representante da nobreza (*noblesse de robe*)<sup>2</sup>, mas como um homem que entrou em processo de fusão com sua obra. Ou seja, é a manifestação de um mundo concreto que é interiorizado na ponta da pena, a convergência do espírito para a auto-reflexão da mente. E é o desprendimento das funções cotidianas que lhe possibilita, ainda que de maneira absolutamente assistemática, um questionamento perene sobre as virtudes da natureza humana. Quando do alto de sua torre observa a lida diária de seus súditos, o senhor do castelo não tem outras pretensões de domínio que não sejam aquelas erigidas no próprio pensamento. Mas ele não está só! Seguem-lhe: Plutarco, Sêneca, Platão, Aristóteles, Cícero, Ovídio, Tácito, Heródoto, César, Virgílio, Diógenes Laércio, Lucrécio... Eis algumas partículas cristalizadas de sua sustentação formativa, como personagem e autor.

E, como personagem, ele não está ausente de sua biblioteca que fez questão de ser o cômodo predileto do castelo. Talvez porque a convergência de seu saber não tenha uma direção definida, mas assim como as visões do conhecimento humano possibilitam sempre novas interpretações, deixa-se tocar pelos seus livros. O fato é que as colunas dessa biblioteca incorporaram seu ceticismo tardio, por meio das máximas de Sexto Empírico, cujas palavras

---

<sup>2</sup> Nobreza togada, a casta cujos valores genealógicos Montaigne representa.

mandou pintar nas vigas expostas. Entre elas: “não decido nada; não compreendo; fico na dúvida; examino. /Não é mais desta maneira que de outra ou de nenhuma das duas. / Pode ser e pode não ser. /Ninguém soube e não saberá nada com certeza/” (Villey in Montaigne, 1962, p.30). Frases fortes e certas que se inscreveram no espírito do escritor dos *Essais*, na maneira de vislumbrar os problemas de seu tempo e, sobretudo, na percepção do que entende por conhecimento humano. Entretanto, não se deve pautá-lo por um simples humanista que cultuava os saberes dos antigos gregos e latinos, uma vez que não havia (em Montaigne) predileção por nenhum tema específico. Ora, tudo que fez parte de seu tempo foi, inclusive, minucioso objeto de análise. Nesse sentido, a personalidade desse autor se desmembra numa seqüência de papéis diferentes: o psicólogo, o etnógrafo, o historiador, o filósofo, o educador, o político...

Mas quisera, talvez, uma época menos conturbada, cujos valores não menosprezassem a profunda experiência humana, que tem na auto-afirmação de si mesmo seu primeiro referencial. Tal experiência, da ordem do sensível, quer elevar a criatura aos patamares do criador. Assim é a preocupação estética do Renascimento e, de certa forma, da obra de Montaigne. Ao dar atenção para as manifestações do próprio corpo, de seus gostos, de suas distrações, ele desautoriza o discurso teológico medieval para instaurar o espaço privado do eu. Isso significa, sobretudo na literatura, a ambiência de um gênero literário caracterizado por uma linguagem íntima, pessoal, carregada de juízos morais. Contudo, deve-se considerar que o olhar desse autor não é determinado por nenhuma influência religiosa, pois os inúmeros exemplos morais são usados apenas como suporte de estilo. Ao refletir sobre ‘os outros’, lança mão de uma habilidade comparável aos relatos do historiador Plutarco, influência inegável em sua obra. Ou seja, os exemplos de vida pública (que usa) e dos acontecimentos históricos (que relata) não têm outra função que não seja o desdobramento de suas próprias paixões acerca do universo pessoal. Por isso, na sua obra não se percebe nenhuma preocupação lógica com a exposição de seus temas, mas uma naturalidade tão entranhada em sua forma de escrever que seria difícil ao leitor não reconhecer-se no autor. Assim, um livro que descreve o retrato daquele que escreve poderia, entretanto, parecer pedante aos olhos dos modernos, caso seus problemas não evidenciassem o reflexo dos problemas atuais.

## O livro-labirinto: *Essais*

Reconhecer-se em Montaigne é partilhar dos dramas íntimos do Ser, aproximar-se das vilezas da natureza humana e, sobretudo, proceder por uma atenta escuta das manifestações do pensamento. Mas nada é tão simples na realidade concreta em que se vive. Muitas vezes, sem solução aparente, acaba-se amenizando as dificuldades ou prorrogando os empecilhos. Por isso, não existe tese essencial nos *Essais* sobre a qual o pesquisador possa extrair comentários para defender ou contrariar as idéias desse autor. Dir-se-ia que todo o livro é um conjunto de fragmentos que se desdobram em outros fragmentos, eis a essência do estilo ensaístico. Quando invoca a autoridade dos clássicos gregos e latinos, esse autor espalha por toda a obra infinitas teias discursivas (por vezes sem direção definida) que às vezes nega, às vezes aceita ou, simplesmente, não se manifesta. Nesse sentido, “É bem a experiência do fidalgo a quem convém desprezar o dogmatismo das escolas e o esforço ‘meio operário’ de professores, intelectuais e humanistas que se esgotam em minúcias de interpretação” (Coelho, 2001, p.43). Portanto, Montaigne (sem nenhum compromisso) vai deslindando um texto como quem percorre os corredores de um escuro labirinto.

Labiríntico é talvez o próprio espírito humano quando se depara com o incompreensível da vida. Ora, se a morte do amigo La Boétie<sup>3</sup> significou uma espécie de ferida nunca cicatrizada, é exatamente a ânsia de preencher esse vazio no coração que o leva a pintar seu auto-retrato. Porque essa é a única forma de torná-lo imortal, de fazer com que o tempo encante a idéia, embora passem pelos séculos gerações após gerações, a moldura da obra jamais passará. Mas qual a real espessura desse quadro vivo de intimidade do eu? Talvez o caráter experimental de toda a obra coloque uma seqüência de cenas inusitadas e, com isso, desarme o leitor, encorajado na acuidade crítica. Ou, quem sabe, o jogo das permanentes digressões, dos títulos incoerentes, tenha uma espécie de dupla função: ocultar a opinião do autor como, também, quebrar a coerência discursiva da obra. Dever-se-ia pensar, entretanto, sobre qual o propósito de aplicar tal formato no texto dos *Essais*, pois é provável que o status social de Montaigne estivesse imune a qualquer tipo de censura. Ora, definitivamente não estava imune de nada. Pois como figura pública (prefeito de Bordeaux em dois mandatos (1581-1585), nunca passava despercebida pela nobreza francesa, nem pelo clero Católico ou

---

<sup>3</sup> Seu amigo Étienne de La Boétie morreu em 1563, aos 32 anos.

Reformador. Aliás, a inquisição havia solapado, na fogueira, mais de uma dúzia de intelectuais de seu tempo, sem nenhuma distinção. Ele tinha motivos de sobra para se ocultar nos labirintos de seu castelo.

É provável que seu próprio corpo tivesse desenvolvido virtudes semelhantes às frias pedras que o cercavam nos aposentos. Entretanto, seu corpo todo era a transposição de sua obra e, com isso, esse também absorvia a arquitetura dos espaços retangulares em que escrevia. É a harmonia do corpo com o espírito que lhe proporciona uma espécie de recolhimento, de abandono sublime, elemento primordial para que daí possa surgir à dúvida. Mas muito diferente de outro filósofo<sup>4</sup>, que também elegeu a dúvida por método, Montaigne não questiona uma suposta verdade da existência, mas deixa-a fluir em direção aos caminhos possíveis de tal verdade. Por isso, uma *coup d'essai*<sup>5</sup> não invalida o que já foi escrito e pensado, pois um movimento da inteligência se sobrepõe a outro movimento e, assim, infinitamente. Como uma pedra que se coloca sobre outra para sustentar o edifício, um texto se estende sobre outro para fortalecer o espírito e completar a obra. Nesse sentido, a estrutura dos *Essais* se configura numa forma inacabada de expressão, porque requer sempre a matéria humana como combustível, e esta nunca estará isenta de certa imperfeição. Portanto, o que faz a obra é o espírito, o exercício criativo do pensamento em prol da estetização da vida.

Apesar da multiplicidade das idéias presentes no texto dos *Essais*, as fases de produção escrita são pautadas pelas influências filosóficas que, em dado momento, marcaram a maneira de pensar de Montaigne. Pode-se, nesse caso, identificar: “O período estóico de sua juventude; o período cético, posterior a uma crise ocorrida na metade de 1570; e, finalmente, o período de maturidade (...)” (Burke, 2006, p.92). Seria difícil, portanto, não associar cada período a cada um dos três livros que compõem os *Essais*. Embora nada seja fixo na sua produção, nada tem um norte definido, o que se lê e se vê está mesclado com a genialidade das frases inconfundíveis. É essa atitude de descompromisso com o leitor que abdica a obra da regularidade lógica e estrutural de um texto. Pois a maneira de um monólogo intimista, ele abre e fecha citações, instiga ou abandona um raciocínio, descreva ou deixa que o leitor subentenda a mensagem. Ou seja, faz com as palavras o que lhe der vontade e, mesmo influenciado por determinada corrente filosófica, nunca deixou de experimentar formas de

---

<sup>4</sup> Refere-se a René Descartes (1596-1650).

<sup>5</sup> Primeira tentativa.

conteúdo e de expressão. Poder-se-ia afirmar: toda a obra é apenas um exercício de experimentação. Assim, o caráter de certo perspectivismo do olhar parece ser uma tônica no estilo de abordagem das temáticas que circulam pela obra.

### ***Que sais – je? Ou a arte de aprender o vazio***

Nos pensadores de difícil classificação, como é o caso de Montaigne, atenta-se para os detalhes que compunham uma espécie de quadro tipológico de sua personalidade. Dessa forma, imagina-se que a proximidade da vida e da obra, sua indissociabilidade, traga para o cenário da pesquisa biográfica uma série de elementos fundamentais. E é inevitável que tais elementos tenham correspondência nos modos de composição escrita. Por exemplo, o conforto da nobreza lhe proporciona os bens e o isolamento necessário para descrever seus pensamentos. A cultura clássica, que recebeu na infância, também lhe auxilia na leitura de originais gregos e latinos. A vivência com a esfera política lhe coloca em contato com a realidade econômica de todo o reino de *France*. As viagens que realiza, normalmente a cavalo, fizeram-lhe conhecer regiões recônditas da Europa, assim como diferentes culturas. Então, de acordo com alguns traços da vida do autor podem-se associar momentos de sintonia com os eventos históricos da época. Antes de tudo, a originalidade das críticas que produz deve ao arguto olhar de cronista uma riqueza na descrição que, dificilmente, encontrar-se-ia em outro autor. Sempre próximo da realidade do fato, do apontamento preciso e da espantosa sinceridade, ele faz do homem o mais ilustre personagem da comédia da existência: “Por mais sábio que seja, o sábio não passa afinal de um homem; e haverá algo mais caduco, mais miserável, mais insignificante do que um homem?” (Montaigne, 1962, p.106).

No entanto, algo não está claro: por que ler Montaigne? O que um leitor do séc. XXI encontrará numa obra que descreve os hábitos, os modos, as agruras de seu próprio autor, no distante séc. XVI? Em primeiro lugar trata-se de um clássico do pensamento universal e, portanto, das leituras que compõem toda a experiência formativa do estudante. Mesmo que tal estudante não possua ainda maturidade intelectual para transitar pelos *Essais*, este servirá como interlocutor das dúvidas, dos paradigmas, dos modelos, das confissões, de coisas que continuam a valer para seu universo pessoal, apesar de tempos tão distantes. Na maturidade, a prática da re-leitura proporciona o reencontro com idéias que forjaram mecanismos interiores de percepção da vida e do mundo. Mas isso depende da força da obra, da inquietude que

provoca e do rumor que estabelece nos ouvidos do leitor. Por isso: “Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer” (Calvino, 2007, p.11). Em tempos de leituras superficiais, interpretação inconsistente, biografias vazias, talvez valesse à pena investir numa leitura direta dos textos originais (isso vale tanto para os antigos quanto para os modernos). Deixá-los falar abertamente dos problemas que erigiram a obra, de suas influências e aspirações, pois conhecendo o outro (do pensamento) conhece-se a si mesmo. Assim profere a máxima socrática que, por sinal, Montaigne levou ao pé da letra.

E, desse modo, como entender a arte de aprender o vazio, o estilo do autor dos *Essais* por excelência? Acredita-se que a única fórmula evidente esteja presa na interpretação de uma de suas palavras preferidas: “*Piperie*” (Burke, 2006, p.60). O que ela esconde é a própria ‘impostura’ de um estilo de escrita, de uma atitude intelectual frente à perversidade do conhecimento oficial. Para Montaigne, a sociedade organizada não é mais que a representação de papéis, pois a vida privada esconde toda espécie de vícios e desenganos. Nela, o homem se mostra realmente como ele é, sem as máscaras da conveniência. Em razão dessa consciência, ele retira sua própria máscara e passa a discorrer sobre si mesmo, dizendo o que gosta e o que não gosta. Contudo, seria precipitado classificar tal gênero como autobiográfico na medida em que a escrita evolui de uma auto-análise para um verdadeiro fenômeno social, o espaço da individualidade. Isso significa, na arte, um rompimento com a *mimesis* aristotélica em proveito da sacração do sujeito individual, autônomo e senhor de seus pensamentos. Sabe-se que a condição teológico-cristã do *subditus* não permitia nenhuma inovação em matéria de interpretações textuais e, conseqüentemente, poucos avanços na condição intelectual. E, se o *subject* é um evento da modernidade, vale dizer que um conteúdo novo ultrapassa a antiga condição de servo da gleba. O herói mítico dos romances de cavalaria passa a ocupar o lugar de lendas imemoriais, enquanto o personagem da esfera privada recoloca o indivíduo na esteira das preocupações. Essa é a arte dos *Essais*.

Portanto, muito mais que a inovação de estilo assiste-se ao surgimento de uma voz, historicamente colocada em segundo plano pela falta de credibilidade. Uma voz que, tratando-se de Montaigne, ressoa com sons absolutamente heterogêneos, sem prender-se numa única apreciação ou num único modelo de representação como a velha arte retórica postulava. Nesse sentido: “Os *Essais* se põem no ponto zero entre os antigos e os modernos. Aqueles recebem uma outra inflexão; estes ainda não sabem reconhecê-la” (Lima, 1993, p.30). Ou

seja, importa mais que a precisão da obra, a tentativa do autor em retratar quadros de um mundo particular, utilizando a ponta da pena como pincel e casos reais como modelos de beneficência ou maledicência. Não fosse por sua honestidade nos julgamentos e pela fidelidade nas descrições, dir-se-ia que talvez quisesse influenciar a casta da nobreza e dos servos com quem, especificamente, convivia. Mas não havia crenças, nem verdades no seu vocabulário, apenas o desejo de ler e de escrever. A influência vem postumamente, forçada ou não, na arte, na literatura e, sobretudo, na filosofia.

### **Para finalizar: Montaigne e a ética**

Olhar Montaigne sob o ponto de vista da ética é como recolocar o espírito numa condição pedagógica, cuja aprendizagem tem o pensamento por objeto. A auto-afirmação da vontade individual coopera com a construção de um espaço coletivo de enunciação, cuja profissão de fé das idéias desloca-se das instâncias tradicionais, como o clero e a nobreza, para validar a expressão da pessoa comum. Os códigos culturais passam a assumir uma entonação mais popular, mais democrática, mais coloquial, quando o estilo clássico incorpora elementos vulgares na produção artística e literária do período pós-medieval. O que proporciona uma espécie de popularização das virtudes humanas e da moral de um modo geral. Os hábitos, os costumes e os modos de vida passam para as páginas dos romances como acontecimentos, antes de tudo, de caráter pedagógico. As conversações de Montaigne (consigo mesmo) não deixam de ter esse aspecto de abertura para as reais necessidades humanas. Pois descrições orgânicas e biológicas do corpo, desmistificação de crenças religiosas, superação de preconceitos morais são matérias que ocupam a escrita do autor dos *Essais*.

É provável que a repulsa pelo teor divino (teológico), acerca do corpo humano, também tenha prevalecido na concepção de Montaigne. De alguma forma, o corpo é recolocado no seu lugar, dentro das limitações e da naturalidade das funções específicas que exerce no universo humano. Dessa forma, a prepotência dos que se julgavam superiores, por questões de casta ou hierarquia, foi rebaixada ao nível de todos os outros seres humanos. Seu ensaio mais longo e, talvez, mais complexo: ‘*A apologia de Raymond Sebond*’ descreve nitidamente uma tentativa de nivelar o homem aos demais animais, bem como uma densa crítica ao modelo de ciência desenvolvido na época. Não é aleatório que Raymond Sebond, o suposto autor da *Teologia Natural*, livro que Montaigne (ainda jovem) traduziu a pedido do pai, lhe sirva como

personagem conceitual para abordar, acima de tudo, as bases tradicionais do pensamento. Na verdade, é o 'Eu' de Montaigne que se sobressai sobre tal personagem, uma vez que sua argumentação entra num embate com as idéias preconcebidas sobre a razão e a aplicabilidade do conhecimento. Entre a acusação e a defesa de Sebond está a capacidade crítica de Montaigne, imbuída do relativismo, do ceticismo e do pirronismo, elementos presentes nas frases certeiras que formula durante todo o ensaio.

O sentido da ética em Montaigne, além de aproximar corpo e mente, pode ser interpretado em dois movimentos: do real para o ideal, do indivíduo para o 'Eu'. No primeiro movimento, encontra-se a idéia de excesso, de arabesco ou de "grutesco" da imagem (Coelho, 2001, p.79) do homem. A miséria humana e a aproximação com os demais animais exigem autocontrole, caráter decidido e firmeza moral, pois a sombra da selvageria ronda as ações do cidadão civilizado. Os defeitos que anteriormente não pertenciam para a esfera do mundo real passam, depois de Montaigne, a serem percebidos como elementos integrantes no cotidiano das relações humanas. Mas a necessidade de compor um retrato ideal do Ser (a exemplo do amigo La Boétie) lhe possibilita que o gesto de escrita no mundo ficcional crie, incessantemente, descontinuidades textuais, heterogeneidades de opiniões. Ou seja, um modelo que se aprimora por si mesmo a cada vez que é pensado e produzido, eis o ideal de pintura do estilista-escritor.

No segundo movimento, está a tentativa de pintar seu próprio auto-retrato. Na ausência e na solidão de si mesmo, ele encontra uma forma de desfazer-se para o público. Porque, somente nesta condição, pode refazer-se para a obra. O abandono do corpo propicia o deslocamento da sintaxe e o surgimento de certo rumor na voz, uma entidade supra-física que, agora, dialoga com o leitor. Aquele que lê os *Essais* não lê apenas um livro. Mas sente um gesto do corpo, fluidos orgânicos espalhados por todas as partes da obra. Até mesmo o esforço da respiração, a rapidez e o repouso regular da pulsação, acompanham as páginas das seqüências iniciais até as finais. E, assim, talvez o leitor procurando algum sentido para aquilo que registra com o olhar, possa encontrar na ilustre presença do Senhor do Castelo um motivo a mais para ressignificar a vida, na sua magia e encantamento. "Eu sou o meu livro", eis o princípio ético de Montaigne.

**Referências:**

BURKE, Peter. **Montaigne**. São Paulo: Loyola, 2006.

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

COELHO, Marcelo. **Montaigne**. São Paulo: Publifolha, 2001 (Folha Explica).

LIMA, Luiz Costa. **Limites da voz: Montaigne, Schlegel**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

MONTAIGNE, Michel de. **Ensaaios**. Livro II. Porto Alegre: Editora Globo, 1962.